

**Perceber e ser percebido:  
a cultura da aparência nas músicas de João do Morro**

Rúbia Lóssio\*

**Resumo**

A pesquisa visa analisar as manifestações estéticas das culturas consideradas periféricas que estabelece uma nova temporalidade para inscrever eventos culturais na vida cotidiana. Todo material das letras das músicas irreverente de João do Morro é analisado na tentativa de investigar a organização de sujeitos e objetos numa relação espaço-temporal que não é teleológica, com a predominância do lúdico. João do Morro consegue simultaneamente, perceber e ser percebido, talvez seja o que há de mais significativo em seu trabalho.

**Palavras-chave:** Cultura da Aparência. Cotidiano. Mídia. Estética

**Abstract**

The research aims to analyze the aesthetic manifestations of peripheral cultures considered establishing a new temporality to sign cultural events in everyday life. All the material of the lyrics disrespectful of John Hill is analyzed in an attempt to investigate the organization of subjects and objects in the space-time is not teleological, with the prevalence of play. João do Morro can both perceive and be perceived, is perhaps what is most significant in his work.

**Keywords:** Culture. Appearance. Daily. Media. Aesthetics

---

\* Coordenadora do Núcleo de Estudos Folclóricos Mário Souto Maior da Fundação Joaquim Nabuco e doutoranda do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

## **Introdução**

A pesquisa visa analisar as manifestações estéticas das culturas consideradas periféricas que estabelece uma nova temporalidade para inscrever eventos culturais na vida cotidiana. Através da fugacidade das aparências, essas culturas estabelecem um recurso metodológico capaz de compreender as formas estéticas do cotidiano que são consideradas transcendentais e deslocadas do mundo objetivo. A partir das letras das músicas do cantor João do Morro, que reside no Morro da Conceição, comunidade da Zona Norte do Recife, Pernambuco, analisaremos a estética da vida cotidiana dos moradores de sua comunidade.

Sem nenhuma vergonha e com irreverência, João do Morro enfatiza com bom humor, e em versos ferinos, toda a verdade de situações e personagens desses moradores. Algumas músicas falam de relacionamentos complicados, homossexualidade, pessoas que não têm dinheiro, e entorpecentes, o uso do celular nessas comunidades, os tipos e modelos dos cabelos das meninas, entre outras situações do cotidiano que, muitas vezes, não são reveladas por outros cantores e compositores. Todo esse material das letras das músicas de João do Morro é analisado na tentativa de investigar a organização de sujeitos e objetos numa relação espaço-temporal que não é teleológica, com a predominância do lúdico. A determinação do objeto nessas culturas se dá através das imagens e palavras e não dos intelectos, considerado faculdade – a razão se apresenta a partir do movimento imposto ao sujeito pelos objetos e pelos sujeitos aos objetos. Assim o efeito provocado pelos objetos e sujeitos é tão importante quanto à causa. Para diagnosticar como as formas estéticas são modificadas a partir dos deslocamentos de significado para significantes que não pertencem às características socioantropológicas das manifestações culturais.

Nesse sentido, as culturas periféricas têm em sua dinâmica relações perecíveis, mas, que constroem em seu cotidiano significados que vão desde aparecer, parecer até desaparecer. Não há, porém, anulamento, nem esgotamento, o que há é uma dinâmica de significados e significantes. Na verdade o povo utiliza símbolos para sobreviver e interagir aos modos de vida. Dessa maneira, João do Morro revela o cheiro do povo da periferia em suas músicas irreverentes, revelando o pagode no fim da tarde de sábado com a cerveja nem sempre tão gelada, os shortinhos curtos das meninas que usam chapinha no cabelo e que sambam com libido, regados pelo churrasco com farofa e vinagrete que simbolizam a efervescência da vida cotidiana dessas pessoas. Sem papas na língua, o cantor e compositor consegue simbolizar a

cultura da aparência desses moradores. A autoexposição da vida dessas pessoas revelada nas músicas de João do Morro não é a coisa como ela é, mas como ela aparece. Com isso, o impulso da autoexposição torna-se efeito esmagador de ser apresentado. Dessa forma, o ator depende do palco, dos outros autores e de espectadores para fazer sua entrada na cena que, mesmo sendo banal, transfigura-se em existência que tende a desaparecer pelo próprio movimento de epifania ou efervescência de acontecimento ou fenômeno de uma determinada situação no jogo do mundo.

### **Cultura da aparência**

Nossa discussão é sobre o uso da palavra cultura, que por sua vez, de imediato, é percebida com dificuldade por apresentar várias definições. Sabe-se que o ser humano é inacabado, encontra-se em construção, nesse sentido, ao nascermos, já pertencemos a uma cultura. A cultura nasce junto com os seres humanos, é desenvolvida e construída. O problema, ou talvez a solução, esteja na história do uso das definições sobre o significado da palavra cultura.

A história e o uso desse termo excepcionalmente complexo podem ser estudados em Kroeber e Kluckhohn (1952) e Williams (1958 e 1976). Começando como nome de um *processo* – Cultura (cultivo) de vegetais ou (criação e reprodução) de animais e, por extensão, cultura ativo) da mente humana – ele se tornou, em fins do século XVIII, particularmente, no alemão e no inglês, um nome para configuração ou generalização do 'espírito' que informava o 'modo de vida global' de determinado povo (WILLIAMS, 1992, p.10).

Por outro lado, a maneira como é reproduzida e produzida a cultura gera características que são refuncionalizadas a cada geração, tanto pelo uso dos intelectuais, quanto pelo o uso dos "fazedores de cultura". Há um leque de significados e significantes sobre a palavra cultura. No sentido moderno, com ênfase "no espírito formador", ideal religioso, ou nacional, a "cultura vivida" está simultaneamente nos processos sociais e oscila em via de mão dupla pelo espaço da gestão política e da economia.

Desse modo, há várias interpretações sobre a identificação da pessoa culta, quais são os critérios para se dizer que uma pessoa "tem cultura"? O que é "ter" cultura? De espírito formador, modos de vida, estilo, linguagens, tipos de trabalho

intelectual, arte, manifestos, entre outros, a cultura deve ser pensada em sua forma de uso e reprodução. Apesar dessas diversidades em relação ao uso da palavra cultura, saliento que a prática cultural e produção cultural estabelecem a dinâmica no mundo da aparência. Seja na lógica do universo intelectual ou na lógica das culturas populares. Para ressaltar:

Culturas populares se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia, por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação real e simbólica das condições gerais e específicas do trabalho e da vida” (CANCLINI, 1995).

Nessa pesquisa, o enfoque é realizado a partir das culturas periféricas, trata-se de evidenciar modos de vida compreendidos pela própria dinâmica da população, no caso aqui estudado pelas composições das músicas de João do Morro, que retrata o cotidiano do bairro, Morro da Conceição, Zona Norte Pernambucana. A cultura da periferia, aqui será evidenciada numa visão em paralaxe.

Aquilo que se constitui como um ‘centro’ e como ‘periferia’ é algo subjetivo, dependendo da perspectiva daquele que realiza tal aferição. Além disso, a paralaxe – a aparente mudança na posição daquilo que constitui o centro e a periferia resultante da mudança de posição do observador – seja em termos espaciais ou cronológicos, seja em termos das circunstâncias sociais e financeiras, demanda que os parâmetros e as limitações do presente estudo sejam claramente indicados (RUSSEL WOOD, 1998, p.189).

Não podemos esquecer que, de uma forma ou de outra, estamos nos apoiando em compreender as questões do dualismo. Entre, verdades e mentiras, Deus e Diabo, campo e cidade, certo e errado, entre outros, estamos ressaltando pontos relevantes, mas, que na verdade tudo é plural. O campo e a cidade não existem sem o bem e mal, sem o certo e o errado e sem os seres humanos. Os seres humanos são cultura. E falar de culturas periféricas é transbordar noções de sentidos complexos, como por exemplo, o que é uma cultura de periferia? Vejamos que o tempo e o espaço dividem o nosso cotidiano, à noite e os dias juntamente com as horas relatam e retratam os nossos passos. Para analisarmos as culturas periféricas buscamos enfatizar a relação entre essas pessoas com os objetos utilizadas em seu cotidiano. Na verdade, os objetos, hoje em dia são mais que objetos, porém, menos que um sujeito. E, como então analisar essa relação das culturas periféricas com o uso desses objetos multifacetário?

Desde a modernidade, todos querem e gostam de criar seus filhos para que eles exibam seus talentos. Todas as pessoas possuem certo talento, ou para o bem ou para o mal, que são expostos ou não dependendo do chamado "outro significativo" (termo utilizado por Ervim Goffman). Nesse aspecto, o "outro significativo" que está presente em nosso cotidiano, colabora para a exposição de talentos, daí a dinâmica da cultura, que leva como suporte, a comunicação, o afeto e a rivalidade sadia para produzir e reproduzir as criatividades existentes nas pessoas. O sentido pode estar na dimensão que uma comunidade cria para dialogar e expor seus interesses na criação de nomes de seus estabelecimentos, dos filhos, e principalmente na forma de utilizarem a linguagem, realizando uma comunicação própria em sua tribo. Por exemplos os adolescentes têm seus gestos, mandingas e linguagem para se comunicarem com a sua turma. Assim, cada grupo exerce uma maneira apropriada para o seu entendimento. O afeto é muito importante nas culturas periféricas, essas pessoas colocam uma carga emocional na dinâmica do trabalho e vida. Muitas vezes seu trabalho se confunde com sua própria vida. Além disso, no decorrer dos acontecimentos do cotidiano, através de fofocas e boatos, e entre um acontecimento e outro, a rivalidade sadia ajuda na criação de novas formas e significados para novos modos de vida. Daí o cotidiano ser a fonte para nossa discussão. Nele existe a aparência, que se transfiguram aos semblantes, vontades, desejos e ações de um povo que contempla em um espaço de trivialidades, incessantes inconstâncias de novas formas de vida.

De acordo com Michel Maffesoli:

(...) o cotidiano não é um conceito que se pode, mais ou menos utilizar na área intelectual. É um estilo no sentido [...] de algo mais abrangente, de ambiente, que é a causa e o efeito, em determinado momento, das relações sociais em seu conjunto [...] De tudo o que foi dito, deve-se lembrar que o estilo pode ser considerado, *stricto sensu*, uma encarnação ou ainda a projeção concreta de todas as atitudes emocionais, maneiras de pensar e agir, em suma, de todas as relações com o outro, pelas quais se define uma cultura (MAFFESOLI, 1985a, p. 64).

Não é de estranhar que as histórias contadas pelos desfechos e fracassos são bem mais efervescentes e que são ressaltadas pela cultura da aparência. Para Nosengo (2008), o mundo se configura por uma "rede sem costura", afirmando a história contada pelo fracasso é geralmente, mas interessante que a de um êxito, as histórias de sucessos são mais parecidas entre si, afirma Tolstói: "Todas as famílias felizes são parecidas entre si, cada família infeliz é infeliz ao seu modo."

Desse modo, os símbolos são necessários para a vida dos seres humanos. Então, encontramos, na cultura, um sistema de símbolos que o povo cria e usa para organizar, interagir e regular o comportamento (TURNER, 2000). Portanto, os símbolos são essenciais nas culturas e por sua vez o essencial encontra-se sob a superfície e a superfície é o "superficial". "O que está dentro de nós, nossa 'vida interior, é mais relevante para o que nós 'somos' do que o que aparece exteriormente não passa de uma ilusão; mas, quando tentamos consertar essas falácias, verificamos que nossa linguagem, ou ao menos nossa terminologia, é falha"(ARENDEMENT, 2008, p. 46 e 47). Para analisar tais fatos de perto, verificamos que a comunicação é a única maneira de externar os sentidos, ou seja, de aparecer os sentidos. De fato, o compositor João do Morro expõe, os sentidos simbólicos da cultura periférica que encontram-se no cotidiano dessas pessoas. Segundo Arendent (2008, p. 130), "não há dois mundos, pois a metáfora os une". Assim, João do Morro, percebe e é percebido pela cultura da aparência através da autoexposição contemplada nas letras de suas músicas.

As especulações e as expectativas são necessárias para a dinâmica das culturas. O cotidiano dessas pessoas é recheado de especulações, na verdade a aparência precisa dessas conexões para sobreviver, porque por dentro, todos são iguais. Digamos que a aparência seja um modo de proteção para salientar a relação dos seres humanos que entre sujeitos e objetos, estão percebendo e sendo percebidos ao mesmo tempo.

Aquilo que a gente aprende, a partir do que se oferece, recai nas diversas modulações dos signos que a gente usa. Nesse conjunto de significados afluem-se o estilo das coisas. O estético se destaca na maneira como as pessoas veem a sociedade, numa relação dinâmica entre pessoas e objetos. Assim o estético gera um sistema entre o visível e o invisível.

A dinâmica da cultura da aparência ocorre justamente porque há na vida dos seres humanos, ciclos que vão do aparecer, do parecer, para depois vir a desaparecer. Primeiro queremos mostrar, exibir, expor, depois queremos imitar para logo depois reinventarmos maneiras de sobrevivências. Nesse mundo cotidiano de aparências, tornam-se acessíveis as experiências do senso comum. No caso aqui estudado, João do Morro consegue expor em suas composições as trivialidades, banalidades do cotidiano das culturas periféricas, sem temor ao senso do ridículo, ao qual estamos sempre expostos. Para salientar a cultura da aparência, essa acelerada dinâmica da vida faz com que os acontecimentos apareçam, pareçam e desapareçam rapidamente, em que a lembrança é algo que parece estar tão distante. No jogo do mundo atual, as questões do efêmero têm a capacidade de transformar os sentidos que envolvem as práticas sociais.

A capacidade dos seres humanos tem de pensar, exerce fundamental conexão na cultura da aparência, onde a memória é ressaltada com prazo de validade.

Nesse sentido é como se o invisível viesse primeiro através da aparência. E, ainda assim, "a linguagem é o único meio pelo qual é possível tornar manifestas as atividades espirituais..." (ARENDET, 2008, p.122).

Há, contudo uma sistematização na dinâmica da cultura da aparência, a espontaneidade é de fato um trunfo que as culturas periféricas possuem para o desenvolvimento das interações. A relação face a face é primordial para dar início ao movimento da cultura da aparência. Essa espécie de *ritualização difusa* permite que os indivíduos possam *significar-se* na interação, possam desvelar a interação e, ao mesmo tempo, regular, controlar, e tornar visíveis as implicações simbólicas da interação." (TEDESCO, 2003, p.66). Assim "a interação para Goffman é a manifestação de indivíduos em representação, requer que esses se transformem em personagens" (TEDESCO, 2003. p.68).

Como afirma Maffesoli há uma clandestinidade na "centralidade subterrânea" da socialidade exalada por situações anódinas. A análise desse estudo está na "cenestesia social" pelo "estoque de conhecimentos" da tipicidade de Schütz registrados na criatividade do povo em suas formas de vida (MAFFESOLI, 1985).

Todo o lençol freático social emerge no cotidiano para configurar a aparência. São os bastidores da vida social, que em sua dinâmica não dispensa sentidos. As conversas jogadas fora, as conversas de bar, as fofocas nos corredores, o “disse-me-disse”, as cadeiras nas calçadas, o gosto, o jeito de vestir, tudo isso vai ter relevância na cultura da aparência.

A cultura da aparência se configura em um esforço cíclico, através de símbolos estéticos, na tentativa de expor o que está nos bastidores do cotidiano. Na verdade, a cultura da aparência precisa dos seres humanos – e das relações dos seres humanos com os objetos – para sobreviver. O que não pode ser visto, pode ser dito. O que pode ser dito, entretanto, nem sempre é o que é, mas, o que parece ser. João do Morro, por conseguinte, transmite de maneira clara, lúdica, o movimento da vida desses moradores.

### **Ao som das banalidades**

Analisar as letras das músicas de João do Morro, só mesmo pela cultura da aparência. O cantor, de modo debochado e escrachado, conta e canta toda forma de vida cotidiana dos moradores de sua comunidade. Em suas letras há toda uma questão lúdica para falar das banalidades, que por sua vez, é fundamental para a dinâmica das práticas sociais. Isso nos leva à seguinte reflexão: por que é mais fácil absovermos o trivial ou por que gostamos de ouvir fofocas? Na verdade a humanidade reuni-se para mangar, Para usar uma expressão nordestina, tão nossa. para usar uma expressão nordestina, tão nossa. Falar da vida alheia é mote para autores escreverem novelas, romances, peças teatrais entre outras narrativas que aparecem na da televisão. Cantar o trivial é mesmo fabuloso! Dizer, ao som do banal, tudo que ocorre no cotidiano dessas pessoas é muito interessante. João do Morro, descreve em suas músicas, estilo, moda, encontros, uso do celular, visual, namoros, homossexualidade entre outros, de um jeito debochado, mas com certa categoria.

Na música Frentinha, João do Morro fala sobre o que o que realmente a maioria do povo gosta de fazer: falar mal da vida dos outros, ou simplesmente falar da vida dos outros. ou simplesmente falar da vida dos outros. A vida dos outros é o trunfo na cultura da aparência, pois remete sempre para o essencial do superficial, não é o que é realmente é, mas, o que todos contam, e isso é maravilhoso para compreensão das relações sociais.



“...a turma gosta de falar dos outros, a turma gosta de meter o pau, a pior coisa é a língua do povo, que abre a boca pra fazer o mal, coisa de gente que não tem cultura, se é gente eu também não sei eu não tenho preconceito, se você olhar direito, hoje em dia o mundo é gay, é boyzinho com boyzinho, e boyzinha com boyzinha, é todo mundo se beijando, se amando, se, abraçando e fazendo, frentinha...” (Música: Frentinha, Compositor: João do Morro)

Taduzir o cotidiano ao som das banalidades é revelar uma provocação para aqueles que aparentemente não estão acostumado com a espontaneidade dessas pessoas. O que estar por trás é sempre atraente e revela mistérios, isso é ponto forte para explicar a criatividade de João do Morro em anunciar o seu repertório.

Repertório esse, recheado de questões ligadas à moral, às atitudes e condutas, que esnoba dos assuntos relacionados à sexualidade, homossexualidade, traição, uso do celular, modelos de cabelos, adereços, vestimentas, comportamento, prazeres, lazer entre outras. Na verdade, João do Morro exala a difícil vida cotidiana desses moradores. Numa complexa definição, a vida cotidiana é constituída de fragmentos, que complicaram o ordenamento de suas ambiguidades, pois a vida cotidiana é frívola, lúdica e imediata. Isso é o que dá sentido ao presente.

Para Mike Featherstone:

Tendo em mente a ambiguidade inerente a essa falta de consenso, podemos delinear as características mais frequentes associadas à vida cotidiana. Em primeiro lugar, há uma ênfase naquilo que acontece todo dia, na rotina, nas experiências repetitivas que já não são mais percebidas, nas crenças e nas práticas. É o universo mundano, ordinário, intocado por grandes acontecimentos e pelo extraordinário. Em segundo lugar, o cotidiano é encarado como esfera da reprodução e da manutenção, zona pré-institucional na qual as atividades básicas que sustentam outros mundos são executadas, em grande parte, pelas mulheres. Em terceiro lugar, há uma ênfase no presente que proporciona um sentido não-reflexivo de imersão na imediatez das experiências e atividades usuais. Em quarto lugar, há um enfoque no sentido não-individual de se estar junto em atividades comuns, espontâneas, que se dão fora ou nos interstícios dos campos institucionais; há uma ênfase na sensualidade comum, em estar com os outros em uma sociabilidade frívola, lúdica. Em quinto lugar, enfatiza-se o conhecimento heterogêneo, o blablablá desordenado de muitas línguas; a fala e ‘o mundo mágico das vozes’ são mais valorizados do que a linearidade da escrita (FEATHERSTONE, 1997, p. 83).

A vida cotidiana é dinâmica, plural, de realidades multifacetária. Com isso a forma de transgredir as banalidades e de provocação estão exaltadas nas músicas do polêmico João do Morro. Como na estrofe da música intitulada Três segundos:

Não adianta comprar um celular, que bate foto, filma, baixa jogos na internet, com bluetooth, slim, 3G... Pra ligar 3 segundos?!, Já virou moda ter um celular, você encontra em qualquer lugar, seja um mendigo, carroceiro, papeleiro, maloqueiro, maconheiro, tem um celular, A moda agora é ter um celular, pra bater foto ou então filmar, mas no fim do mês, bota 10 ou 5 conto, e não gasta 1 centavo na hora de telefonar, 3 segundos... - Alô, amor, tas aonde?, - To saindo de casa pra ir pro pagode. Oh, não liga, pra mim pra falar 3 segundos, porque celular e mulher, é coisa pra quem pode...

A vida do chamado "homem sem qualidades" na vida moderna é heroicizada pela questão do processo e de como essas pessoas fazem uso dos objetos e definem comportamentos para facilitar os modos de sobrevivências. Há um estoque de conhecimentos em cada um de nós, e para:

Alfred Schutz (1962) referiu-se ao mundo cotidiano, do senso comum, como uma 'realidade predominante', que se pode distinguir de uma série de 'realidades múltiplas' ou 'províncias finitas de significado'. Existem os 'mundos dos sonhos, fantasias, devaneios, jogo, ficção, teatro, bem como os mundos formalizados da ciência, da filosofia e da arte. Cada um deles exige uma 'atitude natural' diferente, o sentido do tempo e uma estrutura da relevância e existem problemas para os indivíduos que não os observam (FEATHERSTONE, 1997, p. 83).

Portanto há uma lógica de vida entre os moradores das culturas periféricas, que não faz parte de outras lógicas de vida, como por exemplo do sistema. Daí as letras das músicas de João do Morro estarem em outra ética, ou seja, na 'ética comum'. Compreender as formas da vida do cotidiano nas culturas periféricas reluz na questão da ascensão do consumo, provocando o *Kitsch*, o brega, daí o estético ser motivo de tanta atração. É na aperiência que nos encontramos, que nos combinamos, então a esfera da cultura, através do simbólico provoca o estético, o erótico, o gosto, o que não é permitido, mas que é feito, que é realizado. Nem tudo o que todo mundo faz é dito, por isso essa ascensão na vida cotidiana desses moradores. O que João do Morro faz é expor o que é feito e não é dito, mas que na verdade, ao som das banalidades ele transfere a aparente vida desses moradores. Na música de João do Morro, Chupa que é de uva:

Domingo passado eu tava na praia, de chinelo, bermuda, camiseta e boné. Pagando cerveja, bancando de tudo, metido a gastoso cheio de mulhé. Eu vi uma delícia saindo da água, caminhando em minha direção. Até as meninas que tavam comigo, ficaram de queixo na mão. Ela pegou sua canga e o bronzeador e deitou bem pertinho de mim...

Todo esse jogo para falar sobre os desejos da vida desses moradores vai chamar atenção em outros grupos e em outras dinâmicas de culturas, exatamente por João do Morro expor a cultura da aparência da vida cotidiana em suas músicas de maneira lúdica. A história dos vencidos estão na boca do povo e as histórias dos vencedores estão nos livros.

Tem pouco homem pra muita mulher, eu vou dizer vocês vão botar fé, seja no, Brasil, Japão, terra do sol, são dez mulheres pra um homem só, mas as brasileiras são bem,, mais gostosas, bronzeadas e curvas de se admirar, bunda que é preferência nacional, fui no pagode no espaço aberto, tinha cada bicha boa do carai, que bicha boa, bicha boa do, carai, que nega boa, boa do carai.

*(Música: João do Morro, Compositor: João do Morro)*

### **Discussão metodológica**

Essa parte de discussão metodológica refere-se aos estudos de João Carlos Tedesco, Henry Lefebvre, Golffman, José Machado Pais, Hannan Arendt, Michel Maffesoli, entre outros, que facilitaram a nossa compreensão sobre as questões da cultura da aparência revelada no cotidiano das pessoas de áreas periféricas. Numa visão de pluralidade, analisaremos a passarela do cotidiano dessas pessoas, bem como suas vivências estampadas no pensamento que estão nas letras das músicas de João do Morro. Então, a primazia da aparência é um fato da vida cotidiana, porque Ser e Aparecer coincidem, “precisamente porque são sujeitos e objetos – percebendo e sendo percebidos – ao mesmo tempo” (ARENDR, 2008, p.40). Ainda assim, “não existe tolice que não possa servir de argumento para sabedoria sem fundamentos” (ARENDR, 2008, p.24).

Mesmo com essa dimensão, como diz na canção de Caetano Velozo: “tudo é perigoso, tudo é divino e maravilhoso”, o cotidiano é perigoso porque a todo instante pode acender uma trama, um conflito e isso o faz ser divino e maravilhoso por pertencer a um emaranhado de agregações. O dinheiro impulsiona os acontecimentos do cotidiano junto com a cultura. Talvez esta seja a explicação para compreender o

cotidiano da periferia. Todo mundo bem juntinho, isso é mote para analisar novas formas de vida, como também a ordem do discurso neste lugar. É o espaço na periferia unido à nova forma de sobrevivência através da mídia. Mesmo sendo um lugar claudicante, a periferia epifaniza a forma de analisar o cotidiano. Argumenta Edgar Allan Poe: "Não há beleza rara sem algo de estranho nas proporções." Assim o cotidiano no mundo moderno se dá a partir da filosofia "para mostrar sua dualidade, sua decadência e fecundidade, sua miséria e riqueza (LEFEBVRE, 1991, p.18). Na teatralidade da correria do cotidiano, o furor da vida acontece pelo drama e pela paixão. O cotidiano oferece um espetáculo de variedades (MAFFESOLI, 2001, p.177). Nesse sentido, encontramos na teatralidade da vida cotidiana explicação para as turbulências, conflitos e insatisfações diante das relações sociais. Os conflitos de *status* e papéis sociais que a sociedade contemporânea oferece revelam o significado que é atribuído à teoria do cotidiano.

Nessa perspectiva, através da fenomenologia buscamos analisar as letras das músicas de João do Morro, para compreender o cotidiano das culturas periféricas. Então estudamos as músicas: Balaiagem, Papa Frango, As Nêga Endoida, 3 Segundos, Frentinha, Gigolô, Chupa Que É de Uva, Nega boa do carai, Na Mamata, Me Ter, Joao do Morro, Sinal De Puta, Sarrá, João do Morro a Mais de Mil, entre outras. Além das reportagens via *internet* sobre o polêmico João do Morro. Na tentativa de encontrar exemplos sobre a cultura da aparência, João do Morro aparece para explicar o cotidiano e seus significados, exposto pela autoexposição com ajuda da mídia.

Dessa maneira Diz Maffesoli: "A aparência, o simulacro, a duplicidade, cuja importância na estruturação social é sabida, encontram na teatralização sua expressão mais perfeita." (MAFFESOLI, 2001, p. 177)

A esse respeito nos deparamos em compreender a ciência, ou seja, um caminho para compreendermos a verdade ou ainda o real cotidiano que não pelo significado, mas do mundo através do "sentido comum". Desde a linguagem a interpretações de símbolos, encontramos, a partir da etnometodologia, corrente proposta e encabeçada por Harold Garfinkel. A etnometodologia constitui para descrever, construir e interpretar o mundo social a partir de métodos utilizados pelas pessoas. Com a preocupação de privilegiar as abordagens microssociais dos fenômenos. As interpretações passam a compor o instrumento de pesquisa na sociologia do cotidiano. Ainda nas palavras de Pais: "Mas para que tal aconteça há que situar o cotidiano no 'histórico-original-significativo', e não apenas no 'banal-insignificante'. O senso comum

pode perfeitamente auscultar o rumor do oceano cotidiano, como quem colo um búzio à orelha – mas trata-se sempre de um som ou de um conhecimento cujas estruturas organizativas lhe escapam. Claude Javeu tem razão: seria ilegítimo isolar a ‘vida cotidiana’ por outras razões que não metodológicas. O cotidiano não pode ser tornado categoria essencialmente distinta do ‘social’. No cotidiano, experimentam-se tensões, conflitos, posições ideológicas, mudanças, crises, que a sociologia geral e as diversas sociologias parciais tornam ordinariamente como seus objetos” (PAIS, 2003, p.2003).

Encontrar razões metodológicas para discutirmos a cultura da aparência nas músicas de João do Morro é fundamental para compreendermos o presente. O presente passa pela frivolidade, pelo lúdico, e pela aparência, o presente é efêmero. Pode-se questionar o motivo para argumentarmos através do perceber e ser percebido que as culturas periféricas inaugura em seu ritual, experiências, crenças, imediatez, comunicação boca a boca a autoexposição na cultura da aparência.

### **Argumentos finais**

Perceber e ser percebido são as formas que João do Morro encontrou para revelar as banalidades do cotidiano das periferias em suas músicas. A cultura da aparência expõe e, ao mesmo tempo, protege da exposição exatamente porque se trata do que está por trás. Assim, o fator mídia ajuda com o impulso da autoexposição e, desse modo, o Ser só pode ser manifestado através da aparência, e por sua vez a aparência é fraca já que não consegue Ser e precisa do cotidiano para dar efervescência nos modos de sobrevivências dessas pessoas. Na “nebulosa afetual” da vida cotidiana, o mundo mágico das vozes é mais valorizado do que todas as dimensões da escrita. A afetividade e a linguagem geram efervescências no cotidiano dessas pessoas. A cultura da aparência surge como proteção para evidenciar as histórias dos vencidos. De imediato, pela mágica da relação face a face o estilo e a estética se unem para sobrepor o presente, para trazer o efêmero no semblante daqueles que transformam o suor do dia a dia em meras aparências.

Assim, João do Morro expõe, em suas músicas, o manifesto do cotidiano das culturas periféricas em um mundo de aparências. “A linguagem é a morada do ser”, portanto a difícil tarefa de lidar com o mundo perceptível requer que o agente e o narrador, estejam simultaneamente envolvidos. Na cultura da aparência, perceber e ser percebido são modos de proteção nas vivências dessas pessoas. Portanto, há dias que estamos participando da história e há dias que já estamos contando a história.

João do Morro consegue simultaneamente, através de suas músicas, perceber e ser percebido, talvez seja o que há de mais significativo em seu trabalho. Além de traduzir o cotidiano por metáforas, João do Morro não se intimida em tornar visível o aparente mundo de sua vida.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. **A vida do espírito: o pensar, o querer, o julgar**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- CANCLINI, Néstor García. **As Culturas Populares no Capitalismo**. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1982
- CORCUFF, Philippe. **As novas sociologias: construções da realidade social**. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001
- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura: globalização, pós-modernismo e identidade**. São Paulo: Studio Nobel, SESC, (Coleção Megalópolis), 1997.
- NOSENGO, Nicola. **Extinção dos Tecnozauros, A Histórias de tecnologias que não emplacaram**. São Paulo: UNIMCAMP, 2008.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: ED. Ática, 1991
- MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. São Paulo: Brasiliense, 1985
- \_\_\_\_\_. **No Fundo das Aparências**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1996
- MAFFESOLI, M. **A Conquista do Presente**. Natal (RN): Argos, 2001.
- PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: Enigmas e revelações**. São Paulo: Cortez, 2003
- PEREIRA, Wellington. **A comunicação e a cultura no cotidiano**. *Revista Famecos*, n. 32, abril de 2007. Porto Alegre
- RUSSEL WOOD, A.J.R. **Centros e periferias no Mundo Luso-brasileiro, 1500-1808**. *In Revista Brasileira de Historia* . São Paulo: Anpuh/ Humanitas Publicações, v. 18, n. 36, 1998.
- TEDESCO, João Carlos. **Paradigmas do Cotidiano: introdução à constituição de um campo de análise social**. 2º ed. Santa Cruz do sul: Edunisc: Passo fundo: UPF, 2003
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.